
O QUE HÁ NA FALTA?

Edilson Roberto Testa *

"Viver é o intermédio
entre o nascer e o morrer.
É posterior à penetração,
e anterior à separação.
É o ato em si,
e não o destino de saber para onde se vai,
e de onde se veio.

Só naquele instante em que a
penetração se deu,
e antes que ela se desfaça é que se vive.
somente aí,
o que resta, é perda, é ausência
e vazio; é aquilo
que distancia os planetas e as estrelas;
o vácuo,
onde mora a Filosofia."

* Trabalho realizado como requisito à conclusão do Curso de Pós- Graduação em Psicologia Clínica e Psicanálise. 1993.

Orientador: José Antonio Baltazar.

Quando se escreve, busca-se inscrever a linguagem. Quando se lê, busca-se captar a linguagem ali inscrita. Quando se fala, a linguagem flui solitária e escapa ao falante, desnudando-o.

As folhas, antes brancas, em que agora escrevo, ficam marcadas apenas pelas palavras e frases que utilizo para expressar o que sinto. Mas, o que pode ser dito daquilo que pensei ao escrever, daquilo que realmente moveu a intenção de registrar? Ou ainda, o que habita entre antes, as folhas em branco; e agora, as folhas escritas?

Isto me faz pensar em J. Lacan. Fez-me pensar sobre as dificuldades de lê-lo. Na dificuldade de perceber aquilo que está grafado. Porém, a intenção é maior ainda: - saber onde está aquilo que o moveu a escrever. Saber onde está o homem por detrás das palavras impressas. Não saber isto parece corresponder a não poder compreendê-lo; a não poder situá-lo em seu continente.

Percebe-se que seus escritos constituem-se de "coisas" que estão próximos e distantes simultaneamente. Daquilo que é metonímico e metafórico, daquilo que significa o que parece ser, daquilo que é significativo do que é.

Lê-lo é como viajar por uma linha de trem interrompida, que nos obriga a trocar de trem diversas vezes, sem que se saiba o verdadeiro destino, e estando sempre em dúvida se será possível chegar a algum lugar.

Parece-me que o que interrompe as linhas são as metáforas do próprio Lacan, que não estão ali impressas no livro, porque a metáfora é antes de tudo pessoal.

"Lacan não só explica o inconsciente, mas se esforça para imitá-lo". (Muller & Ricardson, p. 37)¹. Lê-lo nos remete à dimensão do que não se pode dimensionar, justamente porque não nos pertence, pertence a ele. Lacan, como ele próprio diz, "não espera ser compreendido, apenas lido"².

As palavras que são evocadas em seus escritos inscrevem-se naquele que as lê, mas não torna possível compreendê-las. Parece um livro que contém muitas verdades, mas que apesar de contê-las não as expressa pelo simples ato de ler. Estão, antes, ocultas, tecidas no viés e não na estampa.

O que está escrito pode ser lido. Já, a compreensão não aceita prisão. Parece não ficar na memória acessível. Esvai-se misteriosamente para dentro; para o inconsciente de quem leu. Fica o vazio e a falta.

Lacan não parece se importar com isso, antes disso, não se importa realmente. De alguma maneira, este não se importar de Lacan parece proposital, parece ser antes de tudo algo que tem a ver com a mensagem, que se pode entender caso se insista em continuar a tentar compreendê-lo.

As possibilidades de compreender "a mensagem" legada inicialmente por Freud, e posteriormente reestudado por J. Lacan, tornam-se possíveis caso o leitor interessado nessas obras não resista ao lê-las.

Mas o que significa não resistir? Não resistir significa redescobrir os significados geradores dos significantes. Revivenciar o processo identificatório com as figuras, parentais, libertando-se do desejo primário de fundir-se com tais figuras. Pode "passear" pelo próprio passado, reencontrando os desejos infantis, redescobrimdo a trilha das

pulsões através das regressões e progressões terapêuticas, refazendo o caminho de volta. Portanto, não resistir ao contato com o inconsciente. A associação livre, a análise dos sonhos é o processo de transferência que se vivência na figura do terapeuta, são as chaves que abrem as portas do inconsciente, eliminando a resistência. É uma volta ao começo pelo caminho dos significantes, ou ainda, segundo Freud, o processo pelo qual o indivíduo recorda, repete, para, posteriormente, alcançar a elaboração dos conflitos neuróticos³.

O que se encontra ao final de tais elaborações compreende uma luz no fim do túnel; túnel este que podemos representar figurativamente como uma saída do "útero-familiar", em direção ao reconhecimento da castração.

E o que é reconhecimento da castração senão o reencontro do indivíduo com sua história pessoal, com suas deficiências e possibilidades de vida, ou maior ainda, com a consciência da sua individualidade e da sua falta.

Posto isto, pode-se reconhecer que o que move o indivíduo a escrever, construir, enfim a produzir, é aquilo que o habita, ou seja, o reconhecimento da própria falta.

BIBLIOGRAFIA:

GALLOP, JANE, Lendo Lacan, Tradução de Ana Maria Barreiros, Rio de Janeiro-RJ., Imago, Ed. 1992.

LACAN, JACQUES, Livro 11 - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Rio de Janeiro-RJ., Zahar Editor, 3ª Ed. 1988, pág. 263-264.

FREUD, SIGMUND, Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, VL. XII, 1911-1913 Rio de Janeiro- RJ., Imago, 1969, "Recordar, Repetir e Elaborar, pág. 193-203.